



USO DE DROGAS POR MULHERES: experimentação, vivência e o desenvolvimento do uso problemático.

USE OF DRUGS BY WOMEN: experimentation, experience and the development of problematic use

Indira Alves Aragão Mota
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

RESUMO

O objetivo deste estudo foi tratar das especificidades inerentes à experimentação e a evolução do abuso das drogas por mulheres, abordando assim o modo como é vivenciado. A pesquisa foi executada no Espaço de Acolhimento e Valorização da Vida – Teresina – PI, instituição que realizava o acolhimento de pessoas que buscavam o tratamento para o uso problemático de drogas. As entrevistas foram realizadas com mulheres em tratamento, entre as idades de 31 a 45 anos, no período de junho a julho de 2015. Este trabalho foi realizado por meio de abordagem qualitativa, possuindo como instrumento para coleta de dados entrevista semiestruturada. O estudo obteve como resultado a identificação de diversas mudanças na vida das mulheres em decorrência do uso problemático de drogas.

PALAVRAS-CHAVE: Uso de drogas. Mulher. Uso Problemático.

ABSTRACT

The objective of this study was to deal with the specificities inherent in the experimentation and the evolution of drug abuse by women, thus addressing the way it is experienced. The research was carried out in the Space of Acolhimento and Valorize da Vida - Teresina - PI, an institution that provided shelter for people seeking treatment for problematic drug use. The interviews were carried out with women undergoing treatment, between the ages of 31 and 45 years, from June to July 2015. This work was carried out through a qualitative approach, having as instrument for data collection semi-structured interview. The study resulted in the identification of various changes in the lives of women as a result of problematic drug use.

KEYWORDS: Drug use. Woman. Difficult Use.

1 INTRODUÇÃO

Buscando contribuir com os estudos sobre o tema do consumo de drogas, mais especificamente sobre os usuários de drogas, o investimento neste estudo se dá no sentido de



visibilizar a heterogeneidade social desses indivíduos, particularizando as mulheres usuárias de substâncias psicoativas enquanto grupo singular a ser estudado.

Nesse sentido, no trabalho aqui apresentado, objetivamos tratar das especificidades inerentes à experimentação e a evolução do abuso das drogas por mulheres, abordando assim o modo como é vivenciado. Este estudo é parte da pesquisa “Por ser mulher usuária: o uso de drogas por mulheres e a questão de gênero”, que buscou desvendar possíveis relações entre o gênero e o uso de drogas por mulheres que se encontram em situação de padrão de uso abusivo de substâncias psicoativas.

Este estudo se construiu através de uma pesquisa de campo, em caráter exploratório, para a qual foi utilizada como técnica para a coleta de dados, a entrevista semiestruturada. Tratando-se, portanto, de uma pesquisa com caráter qualitativo para a compreensão da realidade apresentada, permitindo assim um nível mais profundo de análise dos sujeitos.

As entrevistas foram aplicadas de forma individual, fazendo uso do ambiente/sala de atendimento, as quais foram gravadas na íntegra em aparelhos digitais, tendo como pré-requisito o consentimento das usuárias entrevistadas, bem como a autorização prévia a partir da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e prévia aprovação do projeto de pesquisa, que foi submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

O material gravado/produzido foi analisado pela pesquisadora em questão que se responsabilizou em garantir o anonimato dos sujeitos entrevistados. Deste modo, visando preservar a identidade das mulheres participantes desta pesquisa, foram dados a estas, nomes fictícios. Assim, fazendo uma analogia à luz da pesquisa originada através das falas das entrevistadas, no decorrer do trabalho seus nomes verdadeiros estarão substituídos por nomes de constelações, sendo estas: Andromeda, Aquila, Hydra, Lacerta, Phoenix e Norma.

Os dados obtidos a partir desta pesquisa foram analisados através de uma perspectiva dialética, por considerar que a mesma fornece bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, e as informações colhidas foram classificadas tendo por base a compreensão das categorias e questões discutidas, sendo feita inicialmente em um processo de refinamento e filtragem das falas mais relevantes aos objetos, às questões norteadoras e aos pressupostos teóricos. Em seguida foram elaborados tópicos analíticos, para então ser realizado diálogo entre teoria e falas colhidas. Almejando o aprofundamento e a compreensão do sentido no que foi relatada (MINAYO, 2012).

Os dados foram coletados no Espaço de Acolhimento e Valorização da Vida – Feminino, instituição criada pelo Governo do Estado do Piauí em 2013 e extinta em 2017, sendo



o primeiro espaço de acolhimento do Piauí, com o objetivo de acolher caráter residencial, por um período de 6 a 8 meses, usuárias de drogas, com base em abordagens psicossociais. Promovendo um cuidado com qualidade para pessoas que desenvolveram problemas pelo abuso e dependência de drogas, onde possam sentir-se acolhidas e sem excluí-las do convívio social, tudo em consonância à Política Nacional sobre Drogas (PNAD – 2005), no sentido de ampliar as ações voltadas à prevenção do uso, tratamento e reinserção social de usuários de crack e outras drogas.

Estão presentes neste estudo as falas de Andromeda, residente de 45 anos, casada, cujo conjugue também é usuário e mãe de três filhos; Aquila, residente de 31 anos, solteira em união estável, conjugue também usuário, mãe de cinco filhos; Hydra, residente de 33 anos, casada, mas no momento separada do esposo não usuário e mãe de 2 filhos; Lacerta, residente de 35 anos, solteira, mãe de 4 filhos; Phoenix, residente de 41 anos, viúva e mãe de 5 filhos; e Norma, residente de 32 anos, solteira em união estável, com conjugue não usuário e mãe de 6 filhos.

2 A EXPERIMENTAÇÃO, A VIVÊNCIA E O DESENVOLVIMENTO DO USO PROBLEMÁTICO

Na busca em oferecer uma compreensão mais ampla acerca do uso problemático de drogas por mulheres, nos reportaremos aos aspectos referentes a como se deu a experimentação das drogas, o modo como foi vivenciado e o desenvolvimento deste uso problemático. É importante ressaltar, que o relato de experimentação de drogas apresentado pelas entrevistadas, se dá a partir do momento em que ocorreu o uso da droga que lhe ocasionou os maiores danos, sendo em suma as drogas ilícitas (cocaína e crack), para as quais passam a serem desconsiderados os usos anteriores.

Não, eu já conhecia várias drogas assim, mas nunca fui de ficar dependente como eu fiquei com essa daí... essa cocaína. Eu já experimentei a maconha, mas não fiquei, o loló também não me... como essa daí. Com essa daí que eu fui usar por uma brincadeira... virou tragédia. (HYDRA, 33 anos)

Eu comecei a usar a primeira vez ... assim bebendo mais um amigo aí ... eu olhando... aí fiquei com curiosidade de usar a maconha. Ai de usar... aí usei... aí ficou naquela de toda vez que ia beber eu usava. Aí eu parei de beber... aí eu fui morar mais um rapaz... aí ele usava também só maconha ... Ai eu comecei a usar... aquela coisa... só a maconha. [...] A maconha eu já fumava, mas não prejudicava não. Agora a pedra foi nesse bar. Eu não sabia que era pedra. Nem sabia o nome também que era. Eu sei que usei, despertei... (PHOENIX, 41 anos)

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



É presente também na fala das mulheres, que o uso das demais drogas experimentadas anteriormente se dava de modo controlado, não chegando a trazer maiores prejuízos na reprodução de suas atividades diárias, ou mesmo impactos mais significativos em suas vidas.

Maconha nunca me prejudicou não. Eu achava que ia... quando fumava maconha achava assim ... tinha responsabilidade, tinha responsabilidade, dava conta da casa, era trabalhadeira... não me prejudica nada! As vezes estava sem coragem de fazer... quando eu usava... ai eu fazia as coisas bem ligeira ... num tinha serviço que desse pra mim. Deixava tudo limpo era na mesma da hora... tomava banho, me ajeitava toda, levava minhas contas tudo em dia. Agora depois que eu comecei a usar pedra, nem maconha queria. Era só pedra... Abusa, a maconha! Aquilo que não prejudica abusa tudo. Até o cheiro da maconha abusei. [...] quando eu fumava maconha... eu comprava o que!?... eu comprava 5 reais de maconha, ali dava um mês quase todo! Eu fumava... fazia um cigarro... tirava só um traguinho e pronto.... ia fazer minhas coisas... juntava minhas coisas tudo. Não prejudicava a sociedade. Eu já estava me sentindo assim uma pessoa diferente dos outros. (PHOENIX, 41 anos)

Cigarro mesmo, fumava, aí eu já deixei né, faz tempo que eu deixei o cigarro... aí eu tava bebendo e fumando o cigarro, por causa que quando eu bebo dá vontade de fumar o cigarro. Aí eu tava bebendo né, e fumando o cigarro, aí a menina pegou e chegou com cigarro misturado com crack né, o mesclado né, aí eu peguei e fumei, e já viciiei. Ai começou a desandar tudo, por que eu trabalhava né, começou a piorar as coisas pra mim, começou dar tudo errado, (NORMA, 32 anos)

Com base nos trechos apresentados, é possível identificar que as primeiras experiências com o uso de drogas apresentadas pelas mulheres entrevistadas, estão de um modo geral associadas à vivência de momentos de sociabilidade.

Aí um dia, assim de tanto ver, eu perguntei o que era que dava né... “Não adianta a gente dizer, só você... né...” Aí eu usei a maconha. Assim, eles disseram, não adianta a gente dizer como é que fica, por que cada um tem uma reação. Aí eu fumei a maconha. Eu não bebia, aí comecei a beber, a usar maconha, através desses amigos que eu comecei a sair. (ANDROMEDA, 45 anos)

Contudo, percebe-se através da compreensão da fala destas mulheres, a constante presença de que tais momentos de sociabilidade e uso de drogas, estão associados a situações de fragilidade emocional e curiosidade, ocasionados por conflitos afetivos e familiares.

Foi através de amizades mesmo. Amizades. Que frequentava a minha casa, aí nisso eu tinha dinheiro... foi por causa de umas perturbações que eu tive... perturbações não, uns problemas que eu tive. [...] foi a minha filha que se afastou... Ver a minha mãe ela sofrer, por causa da separação. (LACERTA, 35 anos)

Assim, por que eu não tive muito afeto de mãe, minha mãe ainda hoje bebe, e aí ela não ligava muito pra gente, ela ficava bebendo, e a gente ficava vendo, e eu comecei a usar droga assim, no colégio. Por que eu ia pro colégio... não ficava mais frequentando a escola... aí tava era saindo pra ir usar droga. (NORMA, 32 anos)



Aí foi quando ele me largou né, conheceu outra mulher, aí eu vim descobrir que ele tinha essa outra mulher, e larguei ele, e me desesperei, por que eu gostava muito dele, né... Eu era muito apaixonada por ele, acho que devido isso eu me desesperei mais no álcool, na droga, foi o tempo que eu piorei mesmo. Mas eu destruí minha vida, quando foi indo, foi indo, eu perdi uma casa construída no projeto, bem ali onde minha mãe mora. (AQUILA, 31 anos)

É apontado em estudos que famílias disfuncionais, ou seja, aquelas nas quais existe um funcionamento patológico com relação à comunicação, estabelecimento de regras e limites, e falta de afeto, costuma ser o molde familiar de usuários. (PRATTA; SANTOS, 2006). A família se constitui como um dos elos mais fortes dessa cadeia multifacetada que forma o uso abusivo de drogas, pois formam laços fortes e monitorarem, diretamente, atitudes e comportamentos de seus membros (SCHENKER; MINAYO, 2003).

Deste modo, o contexto afetivo familiar problemático está caracterizado aqui como um fator catalizador para o consumo de drogas. Além disso, é apresentada também a presença da figura masculina sobre estas mulheres, tanto no que refere ao início, como para a continuidade do uso de drogas.

Eu comecei a usar eu tinha 17 anos de idade, ai eu usei através de um homem que eu comecei a morar com ele, ele traficava já. Ele era traficante. Aí ele vivia bebendo também, só vivia no mundo e eu só dentro de casa né, foi o tempo que eu engravidei, e me desesperei, aí eu tive a curiosidade, né... (AQUILA, 32 anos)

O meu começo assim... eu... quando eu conheci eu já tinha 24 anos, tão tal que o pai dos meus filhos, eu me separei dele, por que eu descobri que ele usava drogas, e eu não usava. E minha família... eu não sabia nem o que era isso. No princípio eu não sabia nem o que significava droga, nunca tinha nem ouvido falar que existia isso na vida. Já vim conhecer... já vim ver, não conhecer, não usar, vim saber que isso existia através dele [...]. Depois disso passou um tempo, eu conheci uma nova pessoa, através desses amigos eu adquiri. Aí ele usava o pó. Aí eu passei a usar o pó. Através dele, dessa pessoa. Passei 16 anos com ele, me separei vai fazer um ano agora em... novembro... não, em dezembro, faz um ano que eu me separei dele. Aí eu me separei dele, aí comecei a sair com novos amigos... (ANDROMEDA, 45 anos)

Essa influência de pessoas do sexo masculino sobre as mulheres para início e manutenção do consumo de drogas já aparece como consenso na literatura especializada no tema. Existe registro de mulheres que se tornam usuárias abusivas de drogas para que possam acompanhar seus parceiros, e no caso em que há o uso de drogas ilícitas, muitas vezes o parceiro se estabelece como principal fornecedor. (OLIVEIRA; PAIVA, 2007).

A iniciação ao uso de drogas parte de diversos fatores, e seu desencadeamento não está vinculado exclusivamente à experimentação, mas da necessidade que o indivíduo possui de manter sua consciência alterada, em um processo onde os fatores individuais, familiares e



sociais conflituosos se acordam de forma a aumentar a probabilidade da continuidade problemática do uso (BRUSAMARELLO et al., 2010).

Com o tempo, o uso de drogas torna-se abusivo, e passa a se estabelecer de forma problemática, provocando diversas alterações na vida destas mulheres, mudanças estas que estão relacionadas desde ao modo como passam a lidar com os aspectos familiares, sociais e afetivos, como também, a forma como outras pessoas, principalmente os familiares conduzem a questão.

No contexto familiar, as primeiras mudanças que são relatadas consistem nas alterações da dinâmica da família da usuária, ocasionadas inicialmente pela ausência em casa que se torna cada vez mais frequente.

Quando eu vi que eu estava... não que minha família estava se afastando de mim, e sim que eu própria estava me afastando de minha família. Meus filhos ligavam me procurando pra ir pro shopping, me procuravam o dia do aniversário deles, e minha irmã tem um buffet, fazia questão do aniversário deles, e eles na hora dos parabéns “mãe, já está todo mundo, vamos cantar os parabéns. Onde é que a senhora tá?” E eu, tô chegando, tô chegando... E nada de chegar. “mãe, tá tendo uma reuniãozinha, que eles são da igreja, aqui em casa, onde é que a senhora tá? Os meninos tão todos procurando pela senhora, perguntando pela senhora” Estou chegando, tô chegando no apartamento, tô subindo a escada! E passava três dias pra subir essa escada, quatro dias... e não chegava. (ANDROMEDA, 45 anos)

Outra situação que passa a se estabelecer nessa dinâmica familiar, é a utilização de objetos e bens pessoais e familiares para a manutenção do consumo de drogas, haja vista que a ausência da usuária se constitui também nas relações de reprodução da vida financeira da usuária – trabalho.

Uma vez peguei até uma roupa da minha menina, que ela comprou pra ir pra uma festa, eu troquei, tu acredita? Troquei... quando ela caçou... “mãe eu não acredito não que a senhora fez isso...” coisa que eu fazia era dar pra elas, eu já tava era tirando pra trocar na droga. Pra você ver como a droga é uma maldição. Por que a bichinha comprava as coisas dela, e na hora que eu queria fumar a droga, eu não pensava duas vezes... (PHOENIX, 41 anos)

Eu trabalhava ganhando muito bem... [...] e isso eu pedi demissão, quando eu pedi demissão, ia fazer 16 anos que eu trabalhava pra ele, ele (patrão) não queria deixar eu sair. [...] quando eu fui pedir demissão, ele pegou e disse assim, “não, se eu lhe demitir, se você tiver pedindo demissão, você perde todos os seus direitos. Então eu gosto muito da senhora, pra senhora não perdeu seus direitos, eu vou lhe dar como se eu tivesse lhe despedindo, aí eu lhe dou três meses de férias, a senhora vai curtir, viajar e tudo, depois a senhora volta, com mais três meses eu assino sua carteira de novo. Aí juntou a fome com a vontade de comer. Deu certinho! Ai nessa minha rescisão eu ganhei 24 mil e pouco... 16 anos trabalhando... (ANDROMEDA, 45 anos)



As alterações na vida destas mulheres surgem inclusive no modo como lidam consigo mesma, na qual passar a existir o descuido com o corpo, com a aparência, e, sobretudo com a própria saúde. Isso gera nas usuárias um sentimento de baixa autoestima e desvalorização de si mesma.

A construção do corpo feminino está ligada à maneira como a mulher organiza a sua subjetividade, e o fato de não conseguir sua adequação ao modelo de corpo imposto pela cultura interfere na sua saúde psicológica. O ideal de corpo preconizado pela sociedade leva a mulher a uma insatisfação crônica com seu corpo, se odiando pela não correspondência ao modelo cultural. (BORIS e CESÍDIO, 2007).

Não tinha mais atividade, não ligava mais pra nada, nem pra mim mesma. Minha autoestima né, de tá me olhando num espelho, de tá me banhando, de tá me perfumando toda hora, a gente se desleixa. A gente, acho que tem medo até de se olhar né, num liga mais pra nada. [...] É, porque a gente já tá assim um lixo, tipo um lixo. A gente já tá de uma maneira que só olha mesmo, por que a gente já chega quase a se oferecer para as pessoas, pra conseguir aquilo que a gente quer, né... a gente fica mesmo de uma maneira horrível. (AQUILA, 31 anos)

Eu que pensava aquilo... quando eu usava... porque usava aquilo dali... aí eu pensava que eu... eu me achava toda diferente. Eu achava que eu tinha que ficar dentro de um quarto ali só fumando aquilo ali... saía só para comprar... ainda era sem olhar para ninguém... Muito diferente! [...] As pessoas comentavam. As vezes meus amigos. Criticavam, na frente não, num tem, mas a gente notava, que quando a gente ia passando, a gente nota... as pessoas ficam falando da gente, sem-vergonhice, drogada véa, bando de sem vergonha, eles dizem assim né. Aí eu percebia. A gente fica deprimida, desprezada, as pessoas não olham pra gente com bons olhos, não olham, ainda dizem “ah, aquela ali não tem jeito, drogada, não tem jeito.” (PHOENIX, 41 anos)

Segundo afirma Saffioti, (2004, p.47), “é verdade que mulheres, em geral, apresentam baixa auto estima, sobretudo aquelas que tem seus direitos violados com frequência” refletidos na precariedade das condições de vida destas mulheres. E, nos casos aqui apresentados, tem-se para além disso, o estigma socialmente impelido às estas usuárias, que enquanto pessoas que fazem o uso de drogas, estão agindo em transgressão da lei.

Outro aspecto de mudança que também é relatado pelas entrevistadas, são as sociabilidades que passam a ser vivenciadas. Diante da ausência em casa, e conseqüente fragilidade dos vínculos familiares, são estabelecidos novos vínculos através do uso, no qual o relacionamento se forma em torno da droga.

Eu não tinha mais. Só com quem fumava, só com quem era dependente. Eu não tinha... eu não ia pra festa mais em família, minha família viajava, que a gente tem casa na praia, eles sempre gostam de viajar assim em férias, quando é feriado, essas coisas, a gente não fica a gente viaja, eu já não participava mais de nada, de festa, de férias, de nada.[...] Quando eu sabia o horário que eles não estavam em casa, era que eu ia em



casa, tomar banho... [...] Eu não tinha mais atividade. Na hora que eu acordava, que eu comia, que me sentia mais forte, eu ia atrás do crack. Da droga. Eu não tinha atividade de sair... as vezes iam pro condomínio, por que lá tem piscina, né, e tudo, minha família ia, por que sabia que eu estava lá. Quando eles chegavam, eu dizia “pois eu vou tomar um banho” “pois a gente vai lá pra piscina” “tá bom”. Eu passava que eles nem me viam, e ganhava o mundo. Eu não tinha mais atividade com família, com amigo, com nada. A não ser com quem usava drogas, e ficava usando comigo. Me sentava e droga, droga, droga, droga. (ANDROMEDA, 45 anos)

A partir daí, tem-se o aparecimento de brigas e agressões físicas, corroborando ainda mais para a fragilização dos vínculos afetivos familiares, refletindo a pouca habilidade da família em lidar com a questão. Como é possível perceber na fala de Hydra (33 anos) quando esta diz que os familiares: “não confiam em mim mais, tem medo de eu ir ali no quarto, e pegar alguma coisa pra poder vender, aí é isso aí que me machuca muito; por que antes eu ia, entrava e voltava e não tinha nada; aí a desconfiança tem muita tristeza.” Ou mesmo na fala de Phoenix (41 anos) que relata alguns dos conflitos que se tornaram frequentes com as filhas:

Eu não ia mais e nem me vestia, saia pra lugar nenhum. Minhas meninas faltavam ficarem loucas. Uma vez minha menina pegou foi o rodo no banheiro, as duas me jogaram no chão, tomaram e jogaram dentro do vaso, e deram descarga. Fiquei doidinha! Quando foi no outro dia, cedo, eu fui de novo atrás. Aí nesse dia, foi o dia todinho que eu fumei com raiva por que elas tinham jogado... o dia todinho com raiva. [...] aí quando eu cheguei “nós vamos arrumar as coisas da senhora mãe, vamos jogar a senhora na rua, nós vamos jogar suas coisas... a senhora não vai mais sair daqui levando uma colher. (PHOENIX, 41 anos)

Com a necessidade de custeio do consumo, porém tendo em vistas todas essas mudanças associadas à rotina das usuárias, surge a obrigação de serem desenvolvidas novas estratégias para manutenção do uso. Atividades que tragam dinheiro de forma mais imediata, como a prostituição, ou como a anteriormente citada, venda de objetos pessoais e bens materiais, são algumas dessas estratégias. “Vendi uma casa, como eu lhe disse, com ponto de restaurante; a ultima, que eu ia fazer era vender meu carro; ai meu filho não deixou; eu cheguei lá com o rapaz que ia comprar meu carro, e o mecânico dele” relata Andromeda (45 anos) nesse trecho. Do mesmo modo, são narradas diversas situações pelas outras entrevistadas.

Aí eu saí, por causa da droga, por que eu trabalhava de capinar, aquela que vai na rua, limpeza...gari. Aí eu peguei e saí. Aí fiquei só assim, trabalhando de descascar camarão... aí era melhor, por que num tinha aquele negocio de acordar cedo, por que a gente quando trabalha de gari, trabalhava dois turnos, aí tinha que acordar cedo e não dava... Por que eu tinha que esperar um mês. E ali descascando camarão, eu já pegava ali no dinheiro, aí eu preferia trabalhar descascando camarão. [...] Pra poder usar droga. Eu fazia qualquer tipo de serviço, descascar camarão, arrumar dinheiro lá com os homens, tinha uns pescador de fora que iam pra lá, tinha um bar que tinha mulher, aí eu deixei o emprego que eu tinha, era empregada, e fui... (NORMA, 32 anos)



Com o dinheiro do meu trabalho, depois foi passar pra...passar pra... pra coisas do meu pai, roubava demais ele, ficava pegando as coisas, quando via uma coisa de bobeira, ne. Vendi minhas coisas... [...] Quando eu comprava também, esqueci até de ti falar, eu manguiava muito. Manguiar é, eu saia... tipo assim, na família, me arranja um leite, me arranja uma passagem de ônibus, aí assim, eles me davam dinheiro sabe, aí quando eu arranjava todo, pra poder ter como eu usar, aí eu só usava quando tinha, só usava quando tinha. Ou então uns dois ou três amigos que a gente tinha, iam fumar... (LACERTA, 35 anos)

Como exposto no trecho acima, surge também como estratégia para o consumo de drogas, o ato de “manguiar”, que nada mais é do que utilizar de sua condição de fragilidade, associada também a presença dos filhos, para pedir dinheiro ou produtos a outras pessoas. No desenvolvimento deste uso problemático, temos em alguns casos o relato de usuárias que passaram certo período de tempo fazendo uso do espaço da rua para consumo, ou mesmo a permanecer em situação de rua.

Rápido eu perdi minha faculdade, perdi meu emprego, perdi tudo... Depois... aí depois eu fui morar na rua, na época eu morava na rua. Na rua assim, eu morei nessa casa abandonada. Aí depois foram contar que eu não tava mais indo em casa de jeito nenhum... (LACERTA, 35 anos)

Por que eu passei um tempo cheirando loló, na rua, aí eu ficava aí passando... aí na hora que o dia amanhecia, eu dizia que ia pra casa da minha mãe e ia era pra rua me drogar, e ele ia atrás de mim, pra ver se eu tava em casa, aí ele me via na rua, aí ele “rapaz, tu já ta indo se drogar de novo rapaz...? bora pra casa!” aí me pegava, me tirava da rua, me dava banho, “quer comer?” aí eu “não, quero não, quero droga!”. (NORMA, 32 anos)

Assim, tendo e vista modo de vida adotado pelas mulheres em situação de rua, pode-se destacar as usuárias de crack como as mais vulneráveis à diversas formas de violência, podendo ser perpetrada pela polícia, traficantes ou até mesmo outras mulheres, mediante a realidade que encontravam-se inseridas em contextos complexos de: tráfico, disputas por territórios, estratégias lícitas ou ilícitas para conseguirem dinheiro e manterem o consumo, prostituição, com descuido ao corpo e à saúde. (ROSA; BRETTAS, 2015).

3 CONCLUSÃO

Neste estudo tem-se a prevalência de uso problemático associado unicamente ao consumo de duas drogas em especial, sendo estas, a cocaína e o crack. Deste modo o consumo de drogas aqui apresentado é um acontecimento que se desenvolve de modo problemático para as mulheres entrevistadas, ocasionando diversas mudanças no desenrolar de suas vidas.



O uso de drogas aparece relacionado a momentos de sociabilidade, porém estando associado de início a situações de fragilidade emocional decorrentes de conflitos afetivos e familiares, a partir dos quais é possível perceber o contexto familiar sendo catalizador para este consumo abusivo. Neste sentido está aparente a necessidade de um cuidado voltado também para a família destas mulheres, buscando tanto o fortalecimento dos vínculos, como a mediação de questões que possam influenciar diretamente na problemática apresentada.

O estudo mostra que com o desenvolvimento do uso surgem diversas alterações nas vidas das entrevistadas, que vão desde mudanças na dinâmica familiar por meio de sua ausência em casa e conflitos neste ambiente, como também através das mudanças nas suas relações de reprodução econômica, ocasionadas pela desresponsabilização com o emprego; sendo geradas nesta ocasião, brigas e agressões com os familiares.

Apresenta-se ainda para essas mulheres a falta de cuidado com a própria saúde e o corpo, provocando sentimentos de desvalorização de si mesma e baixa autoestima. Do mesmo modo, destaca-se a importância de ações que promovam a valorização e resgate da autoestima das mulheres usuárias de drogas, considerando o impacto psicológico e emocional negativo que as alterações ocasionadas na saúde de seu corpo geram nestas mulheres.

Outra mudança que surge neste contexto, são as sociabilidades que passam a ser vivenciadas pelas usuárias, nas quais tendo a vista a fragilidade dos vínculos familiares, se estabelecem com outras pessoas que também fazem o consumo, tendo assim como centro da relação, a droga.

Deste modo, frente à complexidade do tema, o que está posto, é o grande desafio de organizar os serviços e sistemas de cuidados aos usuários de drogas, pautados na compreensão de heterogeneidade destes indivíduos. Devem ser almejadas ações que visem à singularidade do cuidado, de modo a evitar práticas permeadas de visões equivocadas sobre como lidar com a questão e pautadas em uma perspectiva uniformizante de atenção.

REFERÊNCIAS

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc, e CESÍDIO, Mirella de Holanda. "Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade." **Revista mal estar e subjetividade** 7.2 (2007): 451-478.

BRUSAMARELLO, Tatiana, et al. "Papel da família e da escola na prevenção do uso de drogas pelo adolescente estudante." **Ciência, Cuidado e Saúde** 9.4 (2011): 766-773.

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



MINAYO, MC de S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade.** Qualitative analysis: theory, steps and reliability. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csc/v17n3/v17n3a07>> Acesso em: 09 mar 2015.

OLIVEIRA, Jeane F. PAIVA, Miriam S. **Vulnerabilidade de mulheres usuárias de drogas ao HIV/AIDS em uma perspectiva de gênero.** *Esc Anna Nery* 11.4 (2007): 625-31.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antônio dos. **Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família:** um estudo bibliográfico. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 2006, vol.11, n.3, pp. 315-322. ISSN 1678-4669.

PNAD – **Política Nacional sobre Drogas.** Resolução no 03/gsipr/ch/conad, de 27 de outubro de 2005. Brasília.

ROSA, Anderson da Silva; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. **Interface comun. saúde educ**, v. 19, n. 53, p. 275-285, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth IB. Gênero e patriarcado: violência contra mulheres. IN: SAFFIOTI, Heleieth I. B. , organizadores [et.al.] **A mulher brasileira nos espaços público e privado.** Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHENKER, Miriam and MINAYO, Maria Cecília de Souza. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2003, vol.8, n.1, pp. 299-306. ISSN 1678-4561.